

## EM PLENA CAMPANHA

22.X.58

Raul Pilla

ESTAMOS já em plena campanha sucessória, embora dois longos e atribulados anos de governo restem ainda ao presidente Juscelino Kubitschek. Estamos, e não de agora. Começou, em verdade, com a posse do atual governante. O dia 3 de outubro último apenas deu início a nova e mais ativa fase do processo sucessório. Um dos candidatos reafirmou-se publicamente com a esplêndida vitória obtida no seu Estado, outro recebeu com ela um abalo, de que dificilmente se poderá restabelecer, outros estão ainda considerando os novos dados que, dificilmente se poderão restabelecer, outros estão ainda considerando os novos dados que, à solução do problema, trouxe o recente pleito. O processo está, pois, em pleno desenvolvimento: em outra coisa não pensam os políticos senão no futuro presidente da República, já que o atual está decifrado. E' inevitável.

Se a política é a arte de governar, em verdade não se faz política no Brasil. Consome-se todo o tempo e toda a energia na conquista do poder, do poder puro e simples, sem nenhuma das qualificações que o enobrecem. Tudo o mais se despreza nesta ingente caçada. Se alguma idéia, se algum princípio se invoca, é apenas como réde para colher votos. Enquanto candidato ao governo, ninguém pode fazer nada; enquanto governante, ninguém tem neces-

sidade de fazer, nem poderia fazer, se o quisesse: num primeiro tempo, tudo é recompensar amigos e companheiros; e, num segundo tempo, tudo é tratar do sucessor. Neste contínuo jogo do poder, os grandes problemas nacionais são relegados, ainda quando alguma consciência deles se tenha: situam-se em outro plano, que não o eleitoral, que é o da nossa política.

Com isto não pretendo eu dizer que não deva preocupar a escolha do governante. Neste nosso sistema de governo pessoal e irresponsável, imensa é a sua importância. Tudo depende, durante alguns anos, da boa ou má escolha feita. Mas o mal do sistema está justamente nisso: que a escolha absorve toda a vida política, amesquinhando-a e degradando-a, porque a reduz a simples competição pelo poder.

Compare-se agora isto, com o que se verifica no sistema parlamentar. Não deixa, é claro, de haver competição pelo poder; faz-se, porém, em outras condições e resolve-se em dias ou semanas. E como se resolve? Entregando-se irremissivelmente, por longo prazo, o poder a um homem? Não. O governo é coletivo, instituiu-se para resolver os problemas políticos e administrativos do momento, que o anterior governo não soube resolver, e dura somente enquanto bem servir. A disputa pelo poder não paralisa, e não

degrada a administração e, pelo contrário, a fez andar.

Isto é verdadeiramente democracia representativa, mas por isto mesmo não serve aos caudilhos sedentos de mando, que só no presidencialismo encontram o seu ambiente.